

***Ocupação Conceição Evaristo***

Itaú Cultural

**Coquetel de abertura:** 3 de maio (quarta-feira), às 20h

**Visitação:** 4 de maio (quinta-feira) a 18 de junho (domingo)

**Curadoria:** Itaú Cultural – Núcleos de Audiovisual e Literatura e Educação e Relacionamento – e Conceição Evaristo

**FOTOS PARA DIVULGAÇÃO**

**CONCEIÇÃO EVARISTO - HOJE**



1. Conceição Evaristo, 2017. Foto: Richner Allan



2. Conceição Evaristo, 2017.  
Foto: Richner Allan



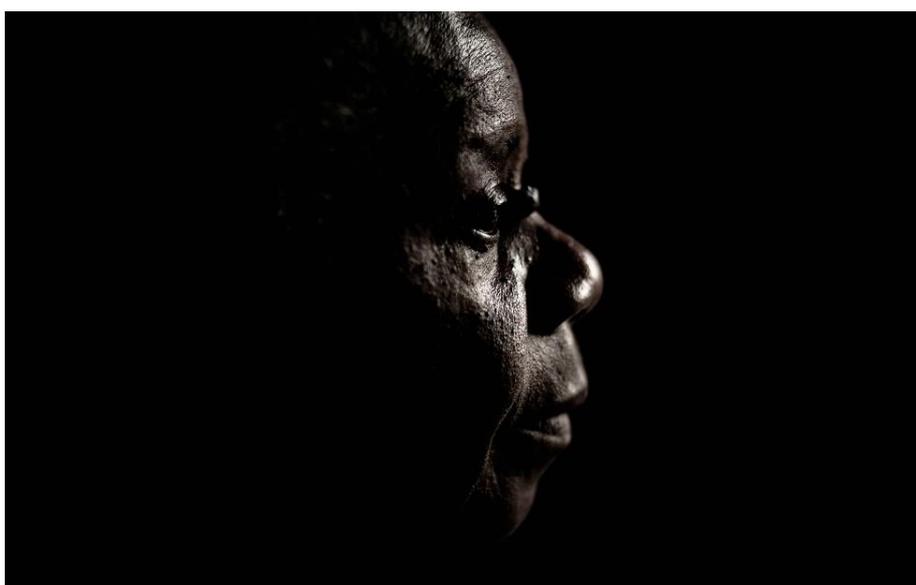
3. Conceição Evaristo, 2017. Foto: Richner Allan



4. Conceição Evaristo, 2017.  
Foto: Richner Allan



5. Conceição Evaristo, 2017.  
Foto: Richner Allan



6. Conceição Evaristo, 2017.  
Foto: Richner Allan

## CONCEIÇÃO EVARISTO – EM OUTROS TEMPOS



7. Conceição Evaristo, primeira comunhão, 1954.  
Foto: autoria desconhecida



8. Conceição Evaristo. Foto: autoria desconhecida



9. Oswaldo Santos de Brito e Conceição Evaristo. Rio de Janeiro, 1976. Foto: autoria desconhecida



10. Oswaldo Santos de Brito e Conceição Evaristo. Foto: autoria desconhecida

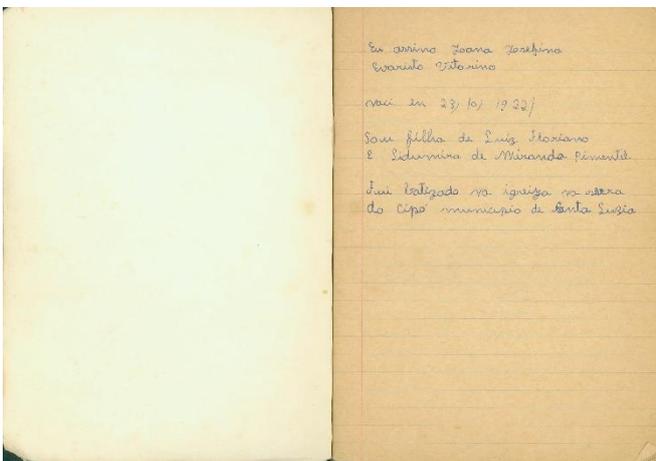


11. Conceição Evaristo grávida de Ainá, 1980.  
Foto: Rogério Santos de Brito

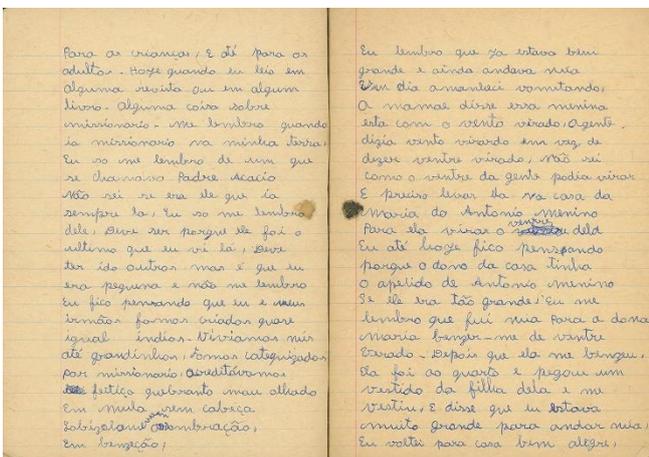


12. Dona Joana, Conceição Evaristo, Tia Lia e Nui. Contagem, 1973. Foto: autoria desconhecida

### CARTAS, MANUSCRITOS, RASCUNHOS E DOCUMENTOS NA VIDA DE CONCEIÇÃO



13. Caderno de Dona Joana, mãe de Conceição.  
Foto: divulgação



14. Caderno de Dona Joana, mãe de Conceição.  
Foto: divulgação

Rio

Banjerca

9/7/82

Oi me conta como andam as coisas por aí? Como anda você, como andam os pensamentos de dentro do peito? Sabe, Deusa, você é forte e forte como a vida, exige que a gente viva. Você é forte, sabe, que há momentos que a gente não se dá conta de que para não sucumbir, como deita, abraça a vida, fazemos dela escudo, nos escudamos temporariamente, nós as nossas dores e ficamos a vida para frente.

Eu pensei de te encardir por eu imaginando as coisas que você tem contado ao longo dos dias para Deusa. Deusa a gente se faz mudar "a ferro e a fogo" e a Dona Joca e a mãe do que a gente chama de "madelada" e do "rubro" encardido e a angústia da gente, muita que a gente se merge para, para a vida, e me puxa Deusa, se poupa naquilo que se pode palpitar, ouvir as coisas que se passa, que se caminha. Um dia, um dia vai ser mais tranquila, um dia a hora da gente chega, não trazendo nada que a gente quer, mas trazendo um pouco que já deixa a gente feliz. Eu gosto muito de você.

Aí vai, continue a Deusa, paisão e carinho, carinho, carinho, carinho, carinho e a um outro bairrinho, ela fica toda verde e verde, to farta

15. Carta de Conceição Evaristo para sua irmã Deca (Maria Angélica Evaristo). Foto: divulgação

falta pedir chapô também. Há de ser para ela e chorei, Aí me invade e senti-me de água e do que quase um banho, ela abraça para mim sua vida... Deusa a vida é um mistério misterioso, sabe, mais que a mãe. A mãe deusa e tanto fimo, a vida, este ato contínuo. O bem é que existe, você que existe amigos, quem existe Aíno, que existe G. Waldo. O bem é que tem e ele estamos bem, há, talvez mas estamos que não intersem no novo relacionamento. Deusa, excesso para mãe e Deusa, para você porque se fez que elas se tornam as cartas rapidamente. Há recordos, documentos da vida que ficam dese fazer. Ficava para se ver de volta suas cartas lá em casa e mais rápido possível.

Deusa, beijos pro ci.

Pulo



Deusa esqueci de te mostrar um álbum termo que é uma e eu falemos. Chama-se "Bem-me-quer". As fotos que minha mãe tirou e ad me na gente não doces, doces...

Pulo

16. Carta de Conceição Evaristo para sua irmã Deca (Maria Angélica Evaristo). Foto: divulgação

Rio, 16 de julho de 91

AMIGA,

No caminho regresso, meu coração violento rolava asfalto. Traço lembranças que engravidam a minha memória. Desarrumam as coisas. Algumas roupas eu jogo no tanque para molhar o sabor do tempo. Outras não de sofrer esperanças íntimas que me latejam do útero às pontas do dedo.

Amiga, dedos escrevem estrelas, como os de Miriam, os meus escrevem agora o tálil heróico.

Amanhã retorno ao trabalho. O tempo vagabundo, que brincava em mim, vestirá uniforme, saia-vela e capital. E morderei grosseiramente os lábios que até ontem molhados de ternura brincavam rios e sorrisos.

E do encontro de final de semana, ficou a feitura de nosso tempo moldado do solenemente por nossos desejos e mãos femininas. Brotou a semente que regaremos em cartas. Ah! Ainda há que escrevermos... Nossas letras, nossas palavras sairão tingidas pelo sangue que de nos jorra e amalgamadas ao nosso suor. E essas cartas não serão nas minhas e nas suas. Tempo virá em que elas se perderão de nossas mãos caindo em mãos alheias como um anônimo presente que enviaremos às nossas iguais. E cada mulher que se sentir inscrita, responderá ao chamado, amiga!

Com seu afeto  
Conceição Evaristo

PS. Ainda chamo por mim, a torneira do tanque está aberta, quero acabar de desfazer a sala e guardar os livros, o ferro de passar roupas e fou. Brevemente volto a lhe escrever.

17. Cartas Negras, 1991. Projeto de Conceição Evaristo com amigas escritoras. Foto: divulgação

1

Belo Horizonte, 13 de agosto de 1991

Amiga

Já estou em Belô. Contemplo o céu de minha infância onde fantasias pueris brincavam deuses, pessoas, monstros e carneiros num algodão de nuvens azuis. Ali o tempo, no final da tarde, com o sol fugindo avermelhado e manso me enchia o peito de um banzo próprio e juvenil. Cresci e o banzo, marca genética, colado ao meu corpo, também.

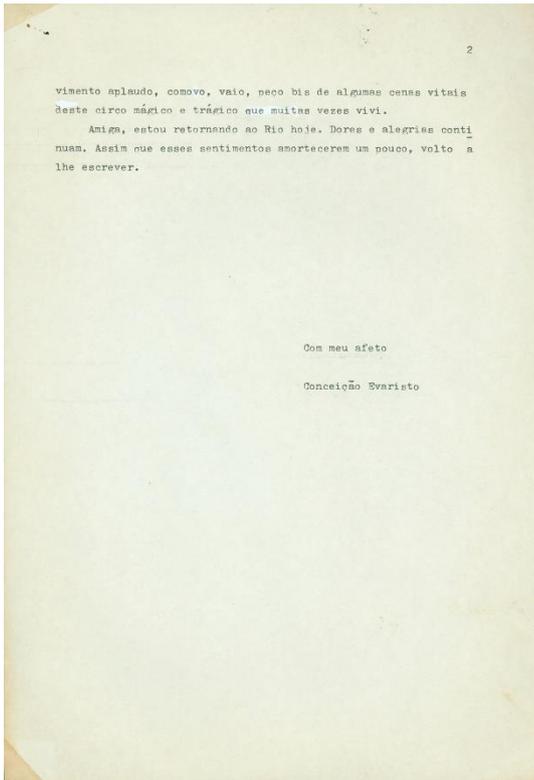
Tempo de Belô que assistiu o meu começar mulher. Foi aqui o lugar do cáldio amor adolescente que tantas e tantas vezes explodiu em mim.

Amiga, busco lá no túnel da memória, ardentes lembranças do primeiro homem que me tornou apta e ávida para o seu amor e para todos os amores demais e diversos que um dia haveris de vir.

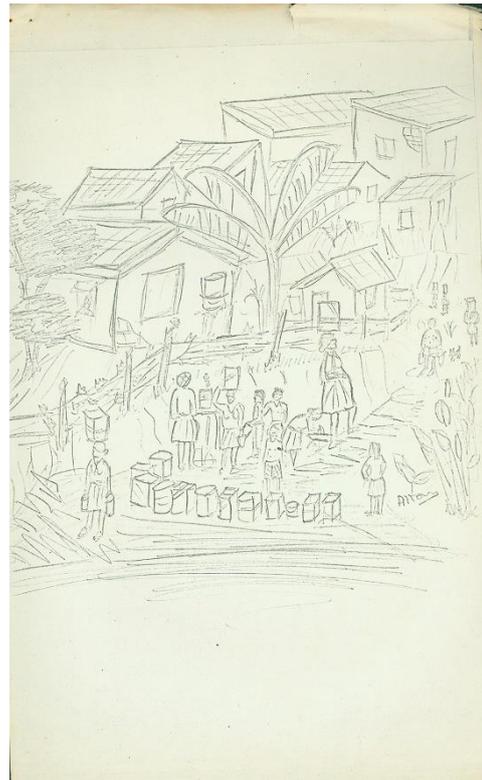
Tempo Belô onde eu desfolhava verdes dias de inocente esperança e ousava sonhar um futuro onde a vida se encaixava certa e feliz.

Amiga, Bahia deu ao Gil "régua e compasso". Minas me deu a trena que tenho usado multiplicadas vezes para medir estradas reais e imaginárias na destemida tarefa de romper espaços e avançar mundos novos. E nessa viagem coragem deixei a cidade-mãe para trás. Hoje retorno contabilizando o tempo e a vida e tropeço em insistentes marcas-lembranças. Fecho os olhos brincando abraços do tempo infantil, através da venda nos olhos vazam imagens que se arrumam em circulares danças. Me posto ao meio num jogo duplo de atriz e expectadora. Engolida por esse caracol mo-

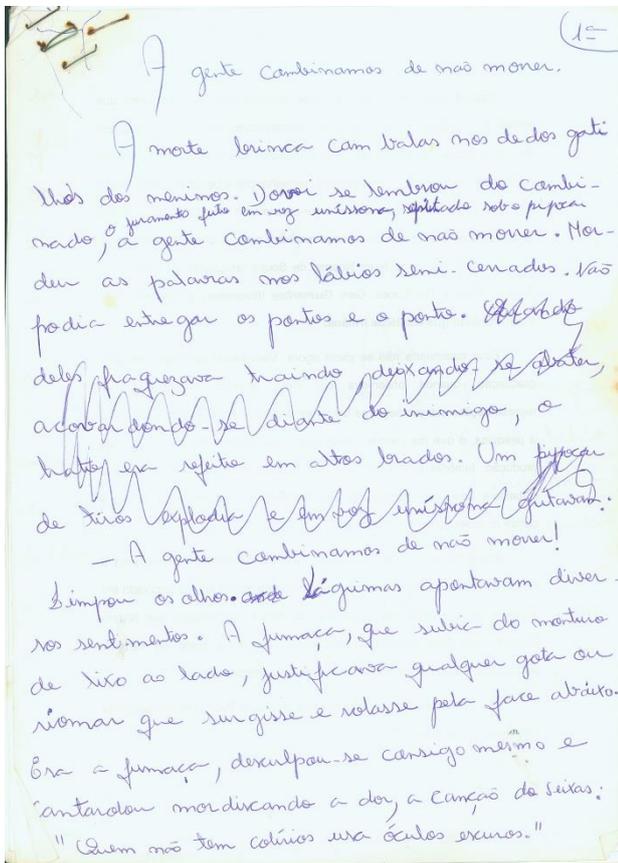
18. Cartas Negras, 1991. Projeto de Conceição Evaristo com amigas escritoras. Foto: divulgação



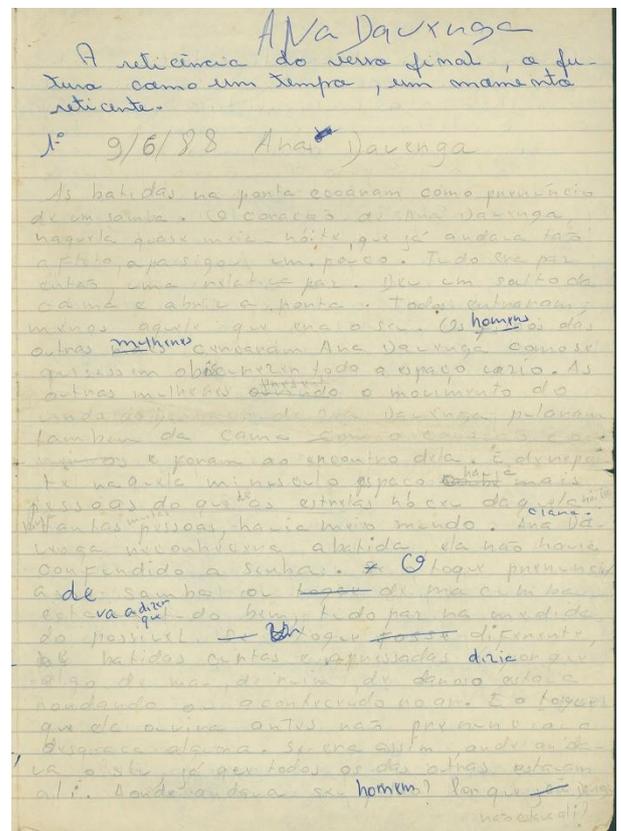
19. Cartas Negras, 1991. Projeto de Conceição Evaristo com amigas escritoras. Foto: divulgação



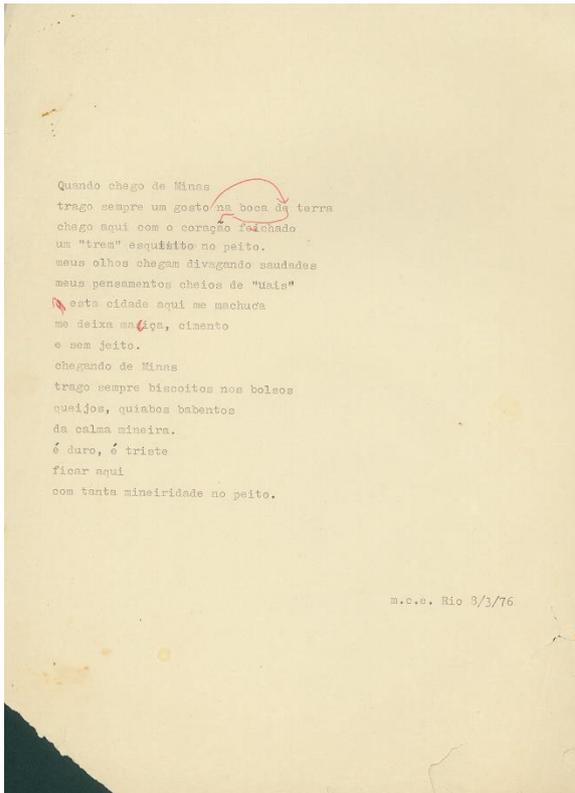
20. Ilustração do irmão de Conceição (Altamir Evaristo Vitorino) para o Becos da Memória. Foto: divulgação



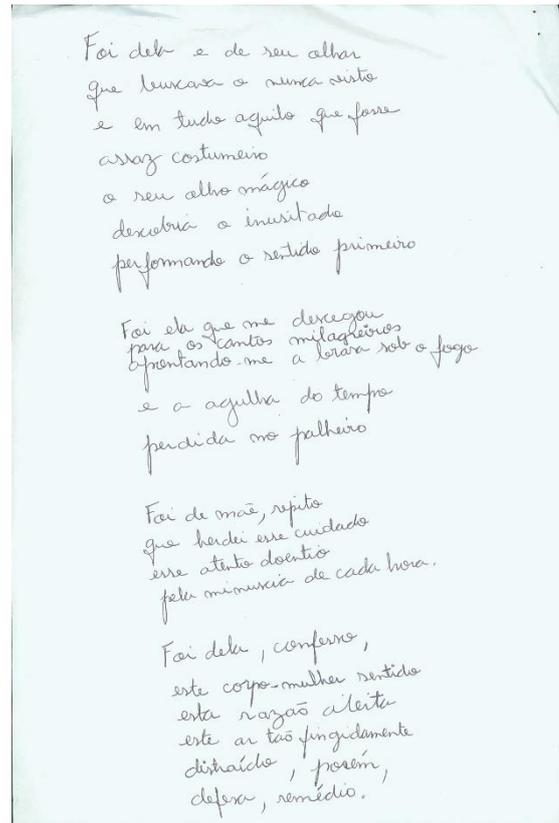
21. Rascunho manuscrito do conto A Gente Combinamos Não Morrer. Foto: divulgação



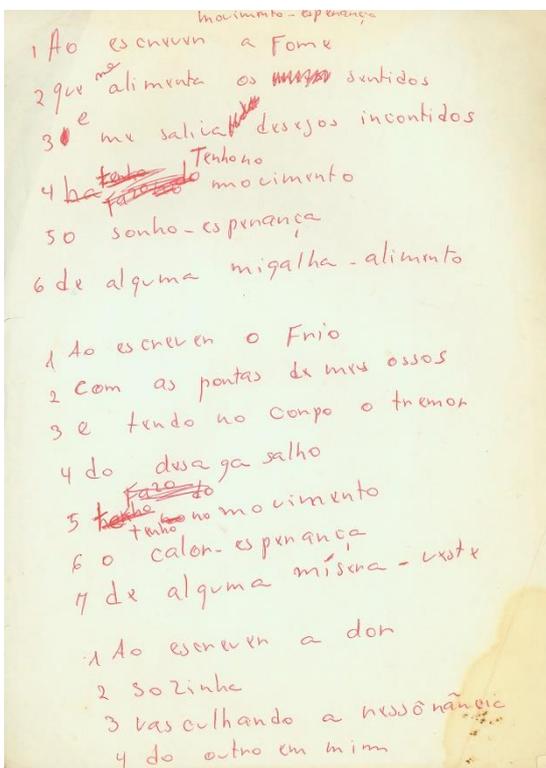
22. Rascunho manuscrito a lápis do conto Ana Davenga, 1988. Foto: divulgação



23. Versão datilografada do poema *Mineiridade*. Foto: divulgação



24. Versão manuscrita do poema *De Mãe*. Foto: divulgação



25. Versão manuscrita do poema *Ao Escrever*. Foto: divulgação



26. Samba-Favela. Cópia em xerox do texto publicado por Conceição no *Diário Católico de Belo Horizonte*, 1968. Foto: divulgação

# SAMBA-FAVELA

Este artigo foi escrito por uma jovem operária que vive na favela, e que tem conseguido estudar, mantendo-se pelo trabalho de doméstica. O que vemos neste trabalho, podemos observar que é fruto de uma convivência autêntica no meio pobre e de uma educação vital que o movimento "Juventude Operária Católica" tem proporcionado a esta jovem MARIA DA CONCEIÇÃO EVARISTO. Para nós cristãos, a realidade concreta sempre é um apelo de Deus.

As casas são amontoadas umas ao lado das outras. Casas não, casinhas. Amontoadas de tabuas, lidas e papóles. Tecos sem saída, fechos, tijos, mundices. Mas quem mora ali, não é bicho. É gente que sonha, amela, sofre, ri e que, às vezes também é feliz.

Em cada casinha daquela vivem três, quatro, cinco e até mais pessoas: pais, mães, filhas. As condições humanas que a primeira vista podem parecer monstros, mas talvez mais humanas que outras.

Naquela casa, sim para eles e casa, e largam o pai, a mãe e seus sete filhos. Na verdade eram nove: a filha mais velha casou-se e a outra mora com a tia. O pai é pedreiro, controla os mais belos prédios, dá o maximo e vive do minimo. A mãe é tudo, é lavadeira também. Mas é difícil, na sua casa não tem água, não tem luz, ela então cata papel. Você, às vezes a ve passar na rua e a chama de negra sula, vagabunda etc. Mas não, aquilo é o trabalho dela. Olla que comprou muito mais do que lavar roupa, porque enquanto cata papel, acha uma porcao de bagulhos que você logo fora, mas que para ela é muito. Acha resto de carnes, panos, lenhas, latas e até brinquedos para os filhos.

Ah, e você soube o mundo de sonhos que carrega uma mãe favelada em relação aos seus filhos? Há de tudo na favela, mas o que mais existe é pobreza e sanha.

Há muito samba! Samba-pobre, samba-tristeza, samba-alegria. Samba-tristeza da mãe que ao amanhecer o dia não tem nada para dar aos seus filhos da mãe que vê sua filha perder-se, prostituir-se. Samba-tristeza da mãe que tem de abrir a porta para a polícia entrar, espancar e levar seu filho, porque ele é ladrão, maconheiro. Samba-tristeza da filha que vê sua mãe todas as noites voltar de companheiro, da mãe que vê o rapaz que a deflorou, juntar seus trapos para procurar outra menina em outra favela. Talvez, Samba-revolta do operário que trabalha, que luta, que constrói aquele bonito prédio no centro da cidade, o quando chega a tarde, sobe cansado para sua favela, seu barraco que, chegando a chuva, pode cair de uma hora para outra. Samba-revolta da mãe que rouba, que já foi preso várias vezes. Mas há ladões piores do que ele. Sim, muitos dos donos de fabricas, muitos dos empresários que lenta e escondidamente roubam dos operários e do povo através do lucro absurdo e excessivo, e aos quais ninguém pune.

Samba-revolta do menino que terminou o primário, nem pensa mais em estudar. Estudo é para o rico e ele é pobre, pobre e favelado. Samba-revolta da lavadeira, daquela mulher que trabalhou a vida inteira e hoje nada tem.

Ah! não vale a pena ser honesto. Quem é honesto não fica rico. Se trabalhar fosse somente a honra, o burro teria milhões de medalhas. Samba-espereira de que as coisas melhoram, quem sabe no mês que vem sai o aumento.

*Diário Católico*  
6-2-68

quem sabe a prefeitura põe mais uma torneira aqui?!

Então a água aumenta, a gente pode lavar mais roupa e ganhar mais dinheiro.

Quem sabe, um dia eu poderia estudar, ser aviador, ser médico ou engenheiro?!

Quem sabe, serei até presidente? Ah! se um dia eu for presidente dos operários, dos favelados.

O samba-espereira, e mais dos meninos, das crianças; as crianças sempre vêm saída para tudo. Elas sempre sonham. Sonham com o dia em que em vez de serem carregadas na feira, estarão também fazendo compras; sonham com o dia em que poderão comprar caminhões de maciás.

*Heim! Maciá é tão gostosa... Mas é tão cara!...*

Sonham com o dia em que ganharão presentes, como ganham os filhos dos ricos no Natal.

Sonham! Será que Papai Noel não gosta dos meninos favelados? Um dia eu vou ter um velopiede igual ao do Roberto! Mas aqui não dá! Não tem lugar para velopiede. Tenho de morar numa casa onde haja passage, calçada.

Samba-espereira de um dia... um dia... Quando? Quando? Mas há também samba alegria, alegria, sim, depois de mais de dois anos de desempregado, o Antonio conseguiu ser fichado naquela construção. Depois de três anos consecutivos no primeiro ano, estudando no mesmo livro, Zecé passou para o segundo ano, embora seja o quarto ano que está no grupo.

Menino da favela é burro, é?

Não, não é, mas é sublimemente. "Tomara que chegue a hora da mercancia! Faltou com uma fome... Ela mituguzinho, bon... Criança favelada é filha de pais abastados" que não sabem ler aquele bilhete que a professora escreveu, que não sabem assinar o boletim, não sabem responder as perguntas que os filhos fazem e se sabem ficam em dúvida.

"Pai, como escreve chiqueta em algarismo romano?"

"Não sei, Ze, não sei..."

"Mãe, como escreve passaro?"

Pensa quase dez minutos e ainda responde com dúvida. "Escreva escreva com dois esses". E fica pensando: "será que ensinei certo? Escreva com dois esses ou com e?"

Samba-alegria, quando a filha casou de rên e grinalda, virgem. É tão difícil casar uma menina virgem na favela, uma menina virgem ainda sendo filha de mãe solteira! Mas uma mãe solteira, muitas vezes, tem muito mais moral do que certas "madames da sociedade".

Samba-alegria dos meninos que chutam aquela bola de pano, mas que pensam estar no Miraflores e cada um se sente um segundo Pelé.

Há samba brasileiro, mas há mais samba africano, samba de morro, homens batucando, cantando, dançando; alguns não cantam, apenas embaleiam porque estão bêbados.

Uns batucam no balcão, outros nos caixas de fósforos, ou nas próprias palmas das mãos; batucam a música de suas próprias batucadas com nuances de ritmos, evoluções. Esperando a vez de batucar, esperam a vez de batucar.

*Uns batucam no balcão, outros nos caixas de fósforos, ou nas próprias palmas das mãos; batucam a música de suas próprias batucadas com nuances de ritmos, evoluções. Esperando a vez de batucar, esperam a vez de batucar.*

Em cada casinha daquela vivem três, quatro, cinco e até mais pessoas: pais, mães, filhas. As condições humanas que a primeira vista podem parecer monstros, mas talvez mais humanas que outras.

Naquela casa, sim para eles e casa, e largam o pai, a mãe e seus sete filhos. Na verdade eram nove: a filha mais velha casou-se e a outra mora com a tia. O pai é pedreiro, controla os mais belos prédios, dá o maximo e vive do minimo. A mãe é tudo, é lavadeira também. Mas é difícil, na sua casa não tem água, não tem luz, ela então cata papel. Você, às vezes a ve passar na rua e a chama de negra sula, vagabunda etc. Mas não, aquilo é o trabalho dela. Olla que comprou muito mais do que lavar roupa, porque enquanto cata papel, acha uma porcao de bagulhos que você logo fora, mas que para ela é muito. Acha resto de carnes, panos, lenhas, latas e até brinquedos para os filhos.

Ah, e você soube o mundo de sonhos que carrega uma mãe favelada em relação aos seus filhos? Há de tudo na favela, mas o que mais existe é pobreza e sanha.

Há muito samba!

Samba-pobre, samba-tristeza, samba-alegria. Samba-tristeza da mãe que ao amanhecer o dia não tem nada para dar aos seus filhos da mãe que vê sua filha perder-se, prostituir-se. Samba-tristeza da mãe que tem de abrir a porta para a polícia entrar, espancar e levar seu filho, porque ele é ladrão, maconheiro. Samba-tristeza da filha que vê sua mãe todas as noites voltar de companheiro, da mãe que vê o rapaz que a deflorou, juntar seus trapos para procurar outra menina em outra favela. Talvez, Samba-revolta do operário que trabalha, que luta, que constrói aquele bonito prédio no centro da cidade, e quando chega a tarde, sobe cansado para sua favela, seu barraco que, chegando a chuva, pode cair de uma hora para outra. Samba-revolta da mãe que rouba, que já foi preso várias vezes. Mas há ladões piores do que ele. Sim, muitos dos donos de fabricas, muitos dos empresários que lenta e escondidamente roubam dos operários e do povo através do lucro absurdo e excessivo, e aos quais ninguém pune.

Samba-revolta do menino que terminou o primário, nem pensa mais em estudar. Estudo é para o rico e ele é pobre, pobre e favelado. Samba-revolta da lavadeira, daquela mulher que trabalhou a vida inteira e hoje nada tem.

Ah! não vale a pena ser honesto. Quem é honesto não fica rico. Se trabalhar fosse somente a honra, o burro teria milhões de medalhas. Samba-espereira de que as coisas melhoram, quem sabe no mês que vem sai o aumento.

*Diário Católico*  
6-2-68

de maciás. Heim! Maciá é tão gostosa... Mas é tão cara!...

Sonham com o dia em que ganharão presentes, como ganham os filhos dos ricos no Natal.

Sonham! Será que Papai Noel não gosta dos meninos favelados? Um dia eu vou ter um velopiede igual ao do Roberto! Mas aqui não dá! Não tem lugar para velopiede. Tenho de morar numa casa onde haja passage, calçada.

Samba-espereira de um dia... um dia... Quando? Quando? Mas há também samba alegria, alegria, sim, depois de mais de dois anos de desempregado, o Antonio conseguiu ser fichado naquela construção. Depois de três anos consecutivos no primeiro ano, estudando no mesmo livro, Zecé passou para o segundo ano, embora seja o quarto ano que está no grupo.

Menino da favela é burro, é?

Não, não é, mas é sublimemente. "Tomara que chegue a hora da mercancia! Faltou com uma fome... Ela mituguzinho, bon... Criança favelada é filha de pais abastados" que não sabem ler aquele bilhete que a professora escreveu, que não sabem assinar o boletim, não sabem responder as perguntas que os filhos fazem e se sabem ficam em dúvida.

"Pai, como escreve chiqueta em algarismo romano?"

"Não sei, Ze, não sei..."

"Mãe, como escreve passaro?"

Pensa quase dez minutos e ainda responde com dúvida. "Escreva escreva com dois esses". E fica pensando: "será que ensinei certo? Escreva com dois esses ou com e?"

Samba-alegria, quando a filha casou de rên e grinalda, virgem. É tão difícil casar uma menina virgem na favela, uma menina virgem ainda sendo filha de mãe solteira! Mas uma mãe solteira, muitas vezes, tem muito mais moral do que certas "madames da sociedade".

Samba-alegria dos meninos que chutam aquela bola de pano, mas que pensam estar no Miraflores e cada um se sente um segundo Pelé.

Há samba brasileiro, mas há mais samba africano, samba de morro, homens batucando, cantando, dançando; alguns não cantam, apenas embaleiam porque estão bêbados.

Uns batucam no balcão, outros nos caixas de fósforos, ou nas próprias palmas das mãos; batucam a música de suas próprias batucadas com nuances de ritmos, evoluções. Esperando a vez de batucar, esperam a vez de batucar.

28. Samba-Favela. Cópia em xerox do texto publicado por Conceição no *Diário Católico de Belo Horizonte*, 1968. Foto: divulgação

27. Samba-Favela. Cópia em xerox do texto publicado por Conceição no *Diário Católico de Belo Horizonte*, 1968. Foto: divulgação



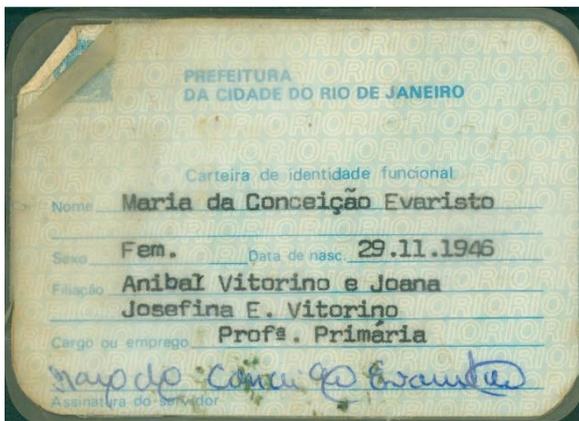
29. Carteira de professora de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro, 1979. Foto: divulgação



30. Diploma de Normalista de Conceição Evaristo. Belo Horizonte, 1971. Foto: divulgação



31. Documento do Instituto de Educação de Minas Gerais. Foto: divulgação



32. Carteira de identidade funcional de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro. Foto: divulgação